ANNEMARIE SCHWARZENBACH

INVERNO NO PRÓXIMO ORIENTE

VIAGENS / RELÓGIO D'ÁGUA

Inverno no Próximo Oriente

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Inverno no Próximo Oriente — Diário de Uma Viagem
Título original: *Winter in Vorderasien — Tagebuch einer Reise* (1934)
Autora: Annemarie Schwarzenbach
Tradução e Notas: Miguel Serras Pereira
Revisão de texto: Vanessa Domingos
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre fotografia da autora

As fotografias reproduzidas nas páginas 12, 52, 90 e 138
são da autoria de Annemarie Schwarzenbach; a fotografia da página 9
é do arqueólogo Friedrich Krefter.

© Relógio D'Água Editores, março de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-720-8

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 423145/17

Annemarie Schwarzenbach

Inverno no Próximo Oriente

Diário de Uma Viagem

Tradução e Notas de
Miguel Serras Pereira

Viagens

Istambul

15 de outubro de 1933

Melancolia: foram os gregos que inventaram esta palavra rica e poderosa como um crepúsculo cujas cores irão extinguir-se em breve. Os Balcãs estavam impregnados de melancolia — a nossa travessia rápida de países, de fronteiras, de montanhas e de capitais deixara-nos somente uma vaga intuição —, mas que sucessão inexorável a das horas, que lentidão a do fim do dia, que mergulho no sono sob o peso destas montanhas cinzentas e destas planícies acastanhadas! Por toda a parte, rebanhos de ovelhas que pastam, campos de milho na sua secura de outono. Os camponeses seguiam com um olhar taciturno e incrédulo o cortejo dos nossos vagões fechados, as mulheres dissimulavam os seus ventres proeminentes sob a roupa acolchoada e os seus rostos dolorosos e sulcados de rugas sob os seus lenços escuros.

Eu tentava lembrar-me dos nomes dos grandes czares búlgaros, dos combates sangrentos com os bizantinos, dos conquistadores turcos.

Foi então que, numa gare miserável, começou a tocar uma fanfarra. Era já noite, os músicos estavam de pé ao vento, enquanto o comboio oscilava ao arrancar. Uma ária popular, talvez… As

notas continuaram por algum tempo ainda a alcançar-nos, pairando no ar, triste e desesperadamente, atrás de nós.

Esta manhã despertámos no meio de uma paisagem nova, perfeitamente insólita. Estas fileiras de colinas despidas, esta vegetação de estepe, estas nuvens demasiado brancas varridas por borrascas de vento eram já a Ásia — era já como se nos acolhesse o grito rouco dos nómadas. Pastores com as suas peliças, a sua comprida espingarda ao ombro, galopavam como loucos nos seus pequenos cavalos ao longo do caminho de ferro, enquanto os bois de pelagem clara e grandes cornos continuavam preguiçosamente deitados ao sol da manhã. Em breve, apareceu o mar — uma baía de um azul profundo tão cintilante como a sua prima francesa, a Côte d'Azur; enquanto olhávamos o horizonte, sabíamo-nos infinitamente longe dessa Europa tão amada e sentíamos a melancolia invadir-nos.

Surgiam muralhas, vestígios bizantinos, voltadas para o mar e para a terra. Nas suas brechas e nas suas cavidades, viam-se os panos estendidos de tendas de pastores, delgadas colunas de fumo que subiam, vacilantes, no céu agitado. Depois, eis, de súbito Istambul — a cúpula de Santa Sofia (um sonho de infância), as margens cintilantes, os barcos, as velas, o oceano das casas brancas: Istambul nimbada de azul-pálido pela bruma e surgida das águas rutilantes.

Nas ruas da cidade, assalta-nos uma impressão de intemporalidade, de incerteza e de impotência que tem o sabor de uma tentação. Quantas vezes não brincamos com a ideia de romper num momento arbitrário com os nossos hábitos de vida, de abandonar os lugares, os amigos e os trabalhos familiares, de mergulhar no anonimato… Mas acabamos sempre por nos sentir muito longe dessa tentação do destino!

Eis a cidade na fronteira da Ásia, a porta marítima, a espada cintilante entre o Leste e o Oeste: é como que a ameaça de pro-

cessos intemporais que ultrapassam o indivíduo, até mesmo a humanidade.

É aqui que se reúnem povos vindos das planícies do Oriente para serem lançados ao assalto da Europa; nascem religiões que se cindem e se inteiriçam em idolatria dourada. Aqui acostam frotas, humildes cruzados transformam-se em usurpadores e senhores orientais, sucedem-se helenos e bárbaros, e o indivíduo, ainda que porfirogénito[1], nada é.

Visitámos as mesquitas, os bazares e os bairros dos artesãos. Vimos mendigos, rapariguinhas, aguadeiros, cegos e fiéis em oração, popes, corretores, vendedores de peixe, guardadores de rebanhos de perus; vimos tudo o que é há muito conhecido: o Oriente de mil cores, esse mundo que continua a conservar a sua parte de estranheza. É possível que tenhamos conseguido fazer uma bela fotografia do velho sentado no pátio da Mesquita de Bayazid: envergando uma capa coçada de seda de um vermelho-pálido, com a mão estendida para negociar e receber dinheiro, com toda a dignidade de uma alta função, endereçando-nos um olhar cheio de sabedoria e dessa resignação que ensina o sofrimento e completamente desprovido de desprezo.

As velhas, muitas vezes, têm também esse olhar; lembramo-nos, então, que os turcos eram um povo de senhores que faziam entregar por sua conta ao comércio levantinos, gregos e até mesmo egípcios.

O grande bazar estava muito calmo. Os vendedores não insistiram em vender-nos as suas mercadorias, deixaram-nos seguir o nosso caminho até às passagens abobadadas mais profundas e mais sombrias, onde os recipientes de latão, as lâmpadas e as lâminas das espadas brilhavam na penumbra das oficinas.

No seu interior, havia velhos sentados ao lado de rapazes novos esfarrapados cujos olhos luziam como os dos animais. Deixavam-se ficar calados ou balouçavam levemente o corpo enquanto cantavam. Tinham uma quantidade enorme de artigos

domésticos amontoados, entre os quais se descobriam por vezes alguns belos objetos, embora, na maior parte dos casos, estropiados e baços.

Podiam ver-se velhos livros enfeitados com miniaturas cujos delicados traços dourados mal se conseguiam ver no papel amarelecido, braceletes finamente entretecidos com engastes de turquesas e de coral cuja combinação oferecia um espetáculo fabuloso, velhas espadas, pratos partidos pintados de cores hoje impossíveis de encontrar, ícones russos com rostos de santos num ouro que tendia para o vermelho e *enfants de Dieu* com grandes olhos, velhos pedaços de panos com bordados maravilhosos. Noutro local, uma loja mais próspera expunha um casaco comprido de mulher turco, verde-água e brochado de ouro, com uma gola aberta e cortada a direito, mangas compridas e largas, destinado a alguma rapariga alta e de ombros estreitos.

À tarde, voltámos à grande praça coberta de erva diante da Mesquita Süleymaniye. Ali, o céu desdobrava-se como um baldaquino por cima do quadro, semelhante a uma tapeçaria dos Gobelins, que nos oferecia o Corno de Ouro com as suas pontes muito compridas, as suas embarcações apinhadas, a Torre de Gálata e as encostas da cidade de Pera, os verdejantes jardins do serralho, a superfície azul e agitada do Bósforo, as margens e as ilhas dos ricos e as longas costas amarelas que anunciam já a Anatólia, a estepe, a Ásia.

Um muezim cantava de um dos minaretes resplandecentes de brancura. A sua voz ressoou queixosamente, planou descendo devagar, desvaneceu-se quando o muezim se virou para o outro lado da torre. Em frente, por cima de Gálata e de Beyoglu, subia uma ligeira bruma que velava os blocos de casas. Do outro lado, uma pequena brisa tornava o ar transparente e fresco. Víamos, em baixo, as cúpulas de chumbo dos antigos refeitórios populares do califa, a rua estreita onde os ferreiros tinham instalado sob as arcadas as suas sumárias oficinas. As pancadas dos seus

martelos produziam um som surdo que se misturava ao dos cascos dos burros e das sandálias de madeira e aos gritos arrastados que os vendedores ambulantes lançavam na noite. Um homem atravessou lentamente a praça, com um gato na nuca. Quando quis lavar os pés numa das fontes, o animal miou medrosamente, saltou para o chão e fugiu para o meio das ervas baixas.

No bairro dos artesãos, os cheiros eram tão penetrantes que quase me senti mal. Havia os peixes nas cestas achatadas, grandes animais de um azul irisado; as mil variedades de especiarias, as peças de carne, os óleos, os tabuleiros de queijos e lacticínios, os melões, os sacos de pimenta, a cerveja, o sumo de uva fermentado; as chafaricas inumeráveis de onde subia o cheiro obsidiante da gordura de carneiro, os seus fornos cavados e fumegantes, as suas travessas de tomate e de carne, nadando como tudo o resto num molho amarelo muito gorduroso. Mas a todas estas coisas juntavam-se ainda, na rua, nas lojas e oficinas, pequenas lareiras, as marmitas cheias de carne cozida e assada, de peixe grelhado, de bolinhas salpicadas de açúcar, de beringelas marinadas em azeite — uma vaga sufocante de odores pesados misturada com as nuvens de pó, a fuligem das forjas e o vapor húmido das barrelas de roupa. Às janelas das chafaricas, viam-se por vezes, junto aos cadáveres de frangos e de pombos, cabeças de borrego decepadas e com as órbitas vazias, que se erguiam como símbolos pagãos sobre travessas fumegantes.

No centro do bairro dos artesãos, descobrimos a pequena mesquita à qual dá acesso uma escada que passa por entre casas e armazéns. Descalçámo-nos e entrámos. A sala que nos recebeu era de proporções absolutamente perfeitas e infinitamente apaziguadora. As paredes e as colunas estavam revestidas de alto a baixo por preciosos azulejos de faiança azuis e brancos; de início, a sua vista distrai e provoca uma ligeira perplexidade, mas, a seguir, inclina o espírito à abstração e à meditação.

Um turco mostrou-me um Corão antigo escrito e pintado à mão.

— Não se pode copiar o livro santo sem nos mantermos distantes de qualquer pensamento — disse-me ele. — Assim que alguma ideia vem perturbar o silêncio interior, o trabalho tem de ser interrompido.

Com o entardecer, começou a afluência à mesquita: velhos vestidos de andrajos ou de maneira fantasista, respeitáveis artesãos e mercadores corpulentos, aristocratas e gente de rosto patibular. Ninguém nos prestava atenção. Pelas janelas gradeadas abertas chegavam até nós os sons da rua: os gritos, as querelas, o apregoar dos vendedores, as vozes que regateavam. Mas os velhos ajoelhados sobre tapetes de cores claras entregavam-se com toda a quietude às suas numerosas devoções.